

## Desencadeamento da psicose na adolescência: relato de caso

### *The outbreak of psychosis in adolescence: case report*

Ana Maria Lopes Chagas<sup>1</sup>

#### RESUMO

<sup>1</sup> Mestre em psicologia (UFMG)

A autora apresenta o relato de um caso clínico atendido no Centro Psíquico da Adolescência e da Infância (CEPAI/FHEMIG) que retrata o desencadeamento da psicose na adolescência. O desencadeamento da psicose corresponde à destruição da organização dinâmica característica do aparelho psíquico. A direção do tratamento deve ser orientada pelas possibilidades de construção de algum sistema de valores a partir do qual o sujeito possa encontrar uma inscrição.

**Palavras-chave:** Psicose, Adolescência, Psicanálise, Sonhos.

#### ABSTRACT

*The author presents the report of a clinical case seen at CEPAI / FHEMIG, which depicts the outbreak of psychosis in adolescence. The outbreak of psychosis corresponds to the destruction of the dynamic organization of the psychic apparatus. The direction of treatment should be guided by the possibilities of building a value system from which the person can find an inscription.*

*Key words:* Psychosis, Adolescence, Psychoanalysis, Dreams.

#### INTRODUÇÃO

Em seu *Esboço de psicanálise* (1938), Freud observa que a hipótese de que a psicose fundamenta-se numa cessação ou num afrouxamento da relação do Ego com o mundo externo harmoniza-se muito bem com o que se verifica na experiência clínica. A causa precipitadora da irrupção de uma psicose, diz Freud, “é ou que a realidade tornou-se insuportavelmente penosa ou que as pulsões tornaram-se extraordinariamente intensificadas”.<sup>1</sup>

O desencadeamento da psicose, para Freud, corresponde à destruição da organização dinâmica característica do aparelho psíquico, que transforma o Ego, novamente, em uma parte do Id. A intensidade excessiva da descarga pulsional pode prejudicar o Ego de maneira semelhante a um estímulo excessivo vindo do mundo externo. Freud observa que a defesa do Ego contra o “inimigo interno” é particularmente inadequada.<sup>2</sup>

Outro modo de compreender o desencadeamento da psicose seria considerá-lo como parte da tentativa de recuperação feita pelo sujeito diante do reencontro com a realidade rejeitada da castração. É nesta direção que Freud observa, em sua elaboração sobre o narcisismo, que a tentativa de recuperação da desorganização

Instituição:  
CEPAI (FHEMIG)

Endereço para correspondência:  
E-mail: chagasanamaria@yahoo.com.br

da economia pulsional que tem lugar no momento de desencadeamento revela-se ruidosa e nos dá a impressão de ser uma doença. A irrupção da crise corresponderia, assim, ao movimento que o sujeito faz na tentativa de conter a invasão pulsional que se iniciou muito antes.<sup>3</sup>

Em seu Seminário 3, Lacan examina o problema levando em conta a relação do sujeito com a linguagem. Trata-se, no desencadeamento da psicose, “de um impasse, de uma perplexidade concernente ao significante”. Tudo se passa, continua Lacan, como se o sujeito reagisse a esse impasse com uma tentativa de restituição e de compensação:

*A crise está desencadeada fundamentalmente por alguma questão sem dúvida. O que é que...? Eu nada sei disso. Suponho que o sujeito reage à ausência do significante pela afirmação tanto mais reforçada por um outro que, como tal, é essencialmente enigmático.*<sup>4</sup>

Os sonhos, que são a via régia para o inconsciente na neurose, levam, na psicose, a marca do mecanismo específico que resulta no funcionamento do inconsciente *a céu aberto*, como observou Lacan. Na psicose, a abolição da inscrição de um significante primordial fará surgir ao sujeito as palavras como vindas do exterior. O retorno desde fora nos fenômenos psicóticos, sob a forma de vozes, de eco do pensamento, de enunciação de atos a cumprir ou de comentários sobre esses atos, demonstra a exterioridade do inconsciente nessa estrutura clínica.

Lançaremos mão de um fragmento clínico, recolhido do atendimento de uma adolescente de 15 anos no CEPAI, e veremos que a desorganização psíquica pode ser colocada em ação por um sonho.

## DESCRIÇÃO DO CASO

Laura (nome fictício) foi atendida no CEPAI durante uma de suas crises, e presenciou o relato de seu pai sobre como começaram os problemas dela. Aos nove ou dez anos ela começou a enfrentar e a desafiar o pai, saindo de casa sem seu consentimento. Durante a entrevista, Laura interrompe o relato do pai, discordando dele sobre o início da doença. Ela associa os primeiros sintomas à morte do avô, enquanto os pais os relacionam ao nascimento de um primo dela (sobrinho de sua mãe). Quanto às crises,

Laura sempre as associa às brigas que tem com o pai. Ela introduz nesse momento o relato de um sonho que teve três dias antes, e que considerou “um aviso”. Sonhou que iria ser internada em uma clínica, e que era perseguida por um médico que se vestia todo de preto, e a ameaçava. Ele se transformava numa criatura que tinha o corpo de um cavalo, a cara de um bode e as mãos de um homem. Laura comenta: “depois ele se transformava numa moça bonita, assim que nem você, que me disse que ia ter que me matar. Eu disse que ela podia fazer isto, desde que deixasse meus pais em paz. Então ela enfiou uma estaca no meu pescoço. Aí eu acordei serena”. Esse sonho será retomado por ela dias depois, a propósito de um novo sonho que evoca o médico vestido de preto. Percebe-se a função do sonho como matéria prima para a construção delirante, além de o próprio sonho relatado favorecer a contenção da invasão pulsional, na medida em que Laura diz acordar “serena”. Ela diz que quando desmaia também acorda serena, mas não é nesse estado que fica depois das crises. Diz que os sonhos são avisos de que alguma coisa ruim vai acontecer.

No próximo atendimento, ela fala sobre as primeiras experiências sexuais, que incluíram garotos e garotas. Relata ter tido um sonho em que aparecia tendo relações sexuais com uma mulher, e em seguida “ficava” com o filho dela. Depois apareciam o marido e o amante dela, e os dois iam matá-la. Diz ser médium, e ter um espírito guia que se comunica com ela através de sonhos, ou quando ela se concentra.

Dois dias depois, ela relata várias tentativas de suicídio ocorridas nos últimos meses. Numa das ocasiões, ouviu uma voz dizer: “Eles estão te fazendo sofrer. Acabe com seu sofrimento”. Ela ingeriu vários comprimidos do avô, misturados aos remédios que usava para emagrecer, e foi internada no Hospital João XXIII. Ela diz, então, que o sonho relatado no último atendimento está, nas palavras dela, “fazendo efeito”, ou seja, “se realizando”, já que, no sonho, aparecia sendo seduzida por uma mulher e acabava “transando” com ela. “Agora”, ela conclui, “estou tomando ódio de homem”.

Ela ainda aproxima os sonhos e a loucura em outros momentos, como quando define a vida como “um pesadelo de olhos abertos”, ou quando diz que “quando dormimos, nosso inconsciente continua acordado, e os espíritos se comunicam conosco através dos sonhos”. Relata um sonho em que estava em uma guerra, e tentava se esconder para não morrer.

Aparecia um sábio, que dizia a ela: “Você não vai morrer, porque você é a luz da vitória”. Em seguida, ela presenciava o assassinato de uma criança, e era, ela própria, apunhalada. Ela perguntava ao sábio: “Quem vai morrer, o preto ou o branco?”. O sábio respondia: “Infelizmente o branco não vai vencer”. Ela faz referência à vitória do “preto” no primeiro sonho, em que essa é a cor da roupa do médico que encarna o perseguidor.

## DISCUSSÃO

Para sonhos como os que examinamos aqui, em que a ação se desenrola na mesma cena que a cena da vida de vigília, observa-se o funcionamento de um mecanismo diferente daquele que tem como efeito o sonho como a realização de um desejo. Na neurose, os sonhos se alinham aos lapsos, aos chistes e aos sintomas como exemplos de formações de compromisso, ou seja, de produções psíquicas que expressam a maneira disfarçada pela qual o recalçado retorna à consciência. As representações recalçadas são deformadas pela defesa até se tornarem irreconhecíveis, mostrando que num só compromisso são satisfeitos tanto o desejo inconsciente quanto as exigências defensivas. Se na neurose o sonho resulta de um conflito entre as exigências pulsionais e as exigências do Ego, também na psicose o sonho é efeito de um conflito, agora localizado nas relações entre o Ego e o mundo externo. Na neurose, o retorno da representação recalçada se dá de maneira deformada, em razão da especificidade da defesa neurótica, que supõe a tradução, num outro registro, das representações inconciliáveis com o Ego. A defesa psicótica, por sua vez, revela que não há tradução possível, e aquilo que é rejeitado reaparece sem máscara, no real. A fórmula do sonho como realização de desejo, que Freud postula em relação à neurose, se mostra inaplicável à psicose.

Collete Soler nos lembra que Lacan retoma as elaborações de Freud e define a forclusão como uma falta, uma ausência ao nível do Outro – a ausência de um significante, o Nome-do-pai, e de seu efeito metafórico. Lacan considera que esse acidente dá à psicose sua condição essencial como estrutura distinta da neurose. O termo condição, observa Soler, indica que a forclusão não é um fenômeno, ou seja, não faz parte do campo do observável. A forclusão

é uma hipótese pela qual Lacan designa a causalidade significativa da psicose. Este é o ponto central no que concerne à questão do diagnóstico, já que não se detecta a forclusão, e sim seus efeitos. Nas palavras de Soler, “o problema do diagnóstico é isolar esses efeitos”.<sup>5</sup> Dessa forma, a investigação sobre a função do sonho na psicose se justifica como instrumental para a clínica, constituindo uma das referências para o estabelecimento do diagnóstico.

Além disso, essa discussão levanta uma importante questão teórica, a saber, a de que o diagnóstico, em psicanálise, não se fixa na forma pela qual os fenômenos se apresentam, mas sim na proposição de que esses fenômenos são efeitos de uma estruturação subjetiva.

## CONCLUSÕES

Se for possível considerar o sonho como realização de desejo na neurose, é em razão de que o retorno do recalçado revela o ciframento, pela elaboração onírica, das representações inconscientes. Na psicose, ao contrário, não se poderia deduzir, do conteúdo manifesto do sonho, apenas uma fórmula geral. Cabe ao sujeito, de acordo com os recursos disponíveis, engajar-se no trabalho de interpretação de um possível enigma que o sonho venha a propor, muitas vezes no desencadeamento da psicose. Encontramos, na construção delirante da paranóia, uma tentativa de ciframento na qual o material revelado pelos sonhos poderá ser incluído. Diante da falta de recursos característica da esquizofrenia, vimos que em algumas situações os próprios sonhos podem constituir caminhos para o ciframento. Assim, se na neurose o sonho coloca o sujeito no trabalho de decifração, na psicose o sonho convoca o sujeito ao ciframento.

Como afirma Ram Mandil<sup>6</sup>, a estabilização da psicose passa pela constituição de algum sistema de valores a partir do qual o sujeito possa encontrar uma inscrição. A direção do tratamento deve ser orientada pelas possibilidades de construção desse sistema de valores. Os sonhos relatados dão mostras do trabalho, realizado pelo sujeito, na tentativa de encontrar sentido para as questões colocadas durante a irrupção da psicose. É a marca de uma operação de ciframento, ainda que precário, para a pulsão mortífera, ou do que se designa, na terminologia lacaniana, por condensação de gozo.

## REFERÊNCIAS

---

1. FREUD S. (1938) Moisés e o monoteísmo, Esboço de psicanálise e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 23). p. 231.
2. FREUD S. (1938) Moisés e o monoteísmo, Esboço de psicanálise e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 23). p. 229.
3. FREUD S. (1914) A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14). p. 103.
4. LACAN J. O Seminário, Livro 3: As Psicoses. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988. p. 221.
5. SOLER C. Artigos clínicos: Transferência, Interpretação, Psicose. A psicose: problemática. Salvador: Fator, 1991. p. 109.
6. MANDIL R. A. Os efeitos da letra: Lacan leitor de Joyce. 1998. 350 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.